Inquérito Nacional ao Consumo de Substâncias Psicoactivas na População Portuguesa - 2001

Casimiro Balsa
Tiago Farinha
Cláudia Urbano
André Francisco

A- APRESENTAÇÃO GERAL

1. Esta publicação coloca à disposição do grande público os primeiros resultados do Primeiro Inquérito Nacional ao Consumo de Substâncias Psicoactivas na População Geral. O programa de trabalhos que está na base destes resultados é conduzido no CEOS, Investigações Sociológicas da Faculdade de Ciências Sociais e Humanas da UNL, para o IDT (Instituto da Droga e da Toxicodependência) e de acordo com as orientações do OEDT (Observatório Europeu da Droga e da Toxicodependência) que promove a recolha e a harmonização deste tipo de informação ao nível europeu.

2. Os Inquéritos à população geral visam estudar as prevalências de consumo e as representações de substâncias psicoactivas, ao nível do conjunto duma população nacional, não estigmatizada, à partida, por qualquer característica ou comportamento relacionados com os consumos ou com as suas consequências.

3. Em comparação com outras iniciativas similares no plano internacional, o primeiro inquérito à população geral realizado em Portugal sobre o consumo de substâncias psicoactivas caracteriza-se pela sua ambição, que se exprime, designadamente, na dimensão da amostra programada (15.000 indivíduos) e na extensão dos temas que pudemos abordar no questionário. Esta ambição justifica-se, por um lado, pela necessidade de bem documentar, à partida, um indicador do consumo sobre o qual não havia informação prévia e, por outro lado, pelas dificuldades inerentes ao próprio indicador. Consideremos, a propósito deste último aspecto, que o facto das prevalências de consumo de muitas das substâncias ilícitas se situar abaixo de 1% faz com que as populações estatísticas reunidas atinjam dificilmente limiares que permitam análises muito detalhadas.

4. Dentro destes limites, mas tentando tirar o máximo partido da informação que recolhemos, o nosso programa de trabalhos inicia, com esta publicação, um

esforço de caracterização de comportamentos que sabemos de risco. Desta feita, ficará mais claro o sentido da relação aos consumos de um grupo minoritário mas, sem dúvida, significativo da população. Num próximo trabalho, procuraremos ver em que medida os "consumidores" se distinguem do perfil da "população geral", considerando, designadamente, os seus estilos e modos de vida e modelos de sociabilidade.

5. As opções técnicas e metodológicas do estudo são apresentadas no primeiro capítulo do livro, que fornece ainda o questionário e os planos de amostragem. Para além da prevalência dos consumos de substâncias ilícitas, apresentadas em documentos anteriores, são agora também divulgadas informações relativas à prevalência de consumos de substâncias lícitas – o tabaco e o álcool – e à distribuição dos consumos no plano regional. A recolha de informações relativas às motivações, às circunstâncias e aos contextos dos consumos permitem fazer, em seguida, uma primeira aproximação do perfil dos consumidores que se perfila por detrás dos consumos. Finalmente, são consideradas as representações da população em relação aos consumos e aos seus possíveis riscos.

B. ORIENTAÇÕES TÉCNICAS E METODOLÓGICAS

6. As opções metodológicas foram orientadas pelos seguintes objectivos:
   - desenhar uma amostra probabilística permitindo estimar o grau de confiança dos resultados;
   - conseguir uma representatividade não só ao nível nacional, mas igualmente ao nível das regiões (NUTS II);
   - recolher uma informação suficientemente ampla de forma a poder enquadrar os consumos, a partir de diferentes problemáticas com eles relacionadas;
   - atingir o nível máximo de comparabilidade no plano europeu, de acordo com os critérios formulados pelo OEDT.

7. O desenho amostral consistiu num sistema de tiragem polietápico, estratificado por conglomerados, com selecção das unidades primárias (concelhos) e das unidades secundárias (secções estatísticas) de forma aleatória proporcional. A selecção das unidades de observação finais – os indivíduos – realizou-se por sorteio sistemático na eleição dos lares e com

recurso a tabelas de números aleatórios, para seleccionar os indivíduos dentro do lar.

8. Foram realizadas 14.184 entrevistas. Trata-se de uma amostra da população nacional residente no continente e nas ilhas, com idades compreendidas entre os 15 e os 64 anos de idade (em ambos os casos, inclusive).

C. PREVALÊNCIAS DE CONSUMO

9. Os resultados revelam que Portugal apresenta taxas de prevalência de declarações de consumo de substâncias psicoactivas ilícitas geralmente mais baixas do que as de outros países europeus.

   - Considerando as declarações de consumo de qualquer substância ao longo da vida, verificamos uma taxa de prevalência de 7,8% no caso da população entre 15 e 64 anos.
   - Sendo de longe a substância ilícita mais consumida, a cannabis apresenta uma taxa de prevalência de 7,6% ao longo da vida e de 3,3% ao longo do último ano.
   - A posição de Portugal abaixo das médias europeias mantém-se quando consideramos os consumos (ao longo da vida e no último ano) de cocaína, ecstasy, LSD e anfetaminas, quer ao nível do conjunto da população, quer ao nível das populações de jovens adultos (15-34 anos).
   - Ao contrário, registamos em Portugal declarações de consumo de heroína superiores à da maioria dos países que considerámos na comparação: 0,7% ao longo da vida, a segunda taxa mais alta a seguir à da Inglaterra e do País de Gales (1,0%).
   - Comparativamente com os outros países, Portugal apresenta taxas de continuidade elevadas no caso do ecstasy e da cannabis. Quer consideremos o conjunto da população, quer os jovens adultos (15-34 anos), Portugal apresenta a maior taxa de continuidade no caso do ecstasy, e a segunda no caso da cannabis. Nas outras substâncias, a posição de Portugal é intermédia ou das mais baixas (no caso das anfetaminas).

10. As prevalências de consumo podem no entanto variar consideravelmente quando consideramos algumas características da população como, por exemplo, o sexo e a idade.

    - Os homens consomem sempre mais do que as mulheres: no conjunto da população, 11,7% dos homens e 4% das mulheres consumiram uma qualquer substância ao longo da vida. Esta relação é de 11,5% e 3,9% no caso da cannabis; 1,2% e 0,2% no caso da heroína; 1,5% e 0,3% no caso da cocaína ou 1,1% e 0,3% no caso do ecstasy, por exemplo.
    - Os consumos são mais elevados nos grupos etários mais jovens: a prevalência de consumo de qualquer substância é de 12,4% no grupo 15-24 anos, 12,9% no grupo 25-34 anos, 7,7% no grupo 35-44 anos e baixa para 2,2% e 0,4% nos grupos decenais seguintes.
    - As prevalências atingem, assim, os valores mais elevados nos grupos de homens jovens: 18,2% dos homens entre 15 e 34 anos declaram ter consumido qualquer substância ao longo da vida (17,5% no grupo 15-24 anos e 18,7% no grupo 25-34 anos).

11. As prevalências de consumo variam igualmente entre as regiões (NUTSII). A percentagem de pessoas com experiência de consumo de uma qualquer substância é a mais elevada no Algarve que regista uma prevalência de 9,1%, valor claramente acima dos 7,8% que caracterizam esse consumo para o conjunto da população na amostra nacional. Com valores também acima deste valor médio nacional encontramos igualmente as regiões da Madeira com 8,6% e de Lisboa e Vale do Tejo com 8,1%. Valor igual ao encontrado na amostra nacional, 7,8%, foi aferido para a região Norte, enquanto em todas as outras três regiões se registaram valores inferiores: 6,7% na região Centro, 6,5% no Alentejo e apenas 5,8% nos Açores.

C. PADRÕES E CONSEQUÊNCIAS DO CONSUMO

12. As declarações de consumo reportam-se, na maioria dos casos, a comportamentos passados. No caso da cannabis, dos 7,6% que declararam ter alguma vez consumido ao longo da vida, 4,3% abandonaram o consumo, 0,9% consumiram recentemente (último ano) e 2,4% são actualmente consumidores. Os consumos recentes e actuais representam 0,3% no caso

da cocaína, 0,2% no caso da heroína, 0,4% no caso do ecstasy, 0,1% no caso das anfetaminas e 0,1% no caso do LSD.

13. Duas substâncias – a heroína e a cannabis – apresentam um padrão de consumo no último ano mais frequente e regular (de várias vezes ao dia até duas a três vezes por semana): respectivamente, 62,6% e 46%. O consumo das outras substâncias faz-se, essencialmente (entre 85 e 90% dos casos), de forma mais esporádica (entre 2 a 4 vezes por mês ou mais raramente).

14. Os consumos múltiplos são relativamente reduzidos. Na grande maioria dos casos – 81% – os consumos limitam-se a uma só substância. Os indivíduos com experiência de duas substâncias eleva-se a 8,4%. Regra geral, quase todos os consumidores de qualquer substância ilícita usaram a cannabis (só 2,3% não o fizeram), mas só uma pequena percentagem (20%) de indivíduos com experiência de consumo de cannabis consumiu uma segunda substância. A cannabis foi, no entanto, a substância que deu início aos consumos em 70,7% dos casos (23% iniciaram com cannabis e outra substância ao mesmo tempo e só 6,3% iniciaram com outra substância).

15. Dos sete indicadores de dependência considerados, o mais experimentado pelos consumidores é o que refere um "desejo forte pelo produto e não poder resistir", que é citado por 21,3% dos indivíduos. A seguir vem o "menor efeito do produto", com 19,8% de respostas. A "não realização de actividades importantes" e a "má conduta em casa" são citados, cada um, por 15% dos indivíduos. Cada um destes indicadores é citado por cerca dois terços dos consumidores de heroína. Os diferentes indicadores de dependência tendem, aliás, a ocorrer de forma acumulada: 93% dos consumidores experimentaram, pelo menos, duas e 53% experimentaram mais do que 4 das situações consideradas.

16. Quando consideramos, isoladamente, um indicador de dependência existencial genérico em relação às substâncias – " não poder conceber a vida sem a substância" – 90% dos consumidores rejeitam inequivocamente esta situação. Os que o fazem menos são os consumidores de heroína (76%) e os de cocaína (80,5%), se considerarmos neste último caso os indivíduos que não respondem.

17. Relativamente aos motivos apresentados pelos inquiridos para não terem consumido nos últimos 12 meses ou nos últimos 30 dias, para além de um quarto de respostas muito diversas, cerca de 30% dos indivíduos avançam razões relacionadas com a saúde ou a resistência à habituação provocada pelas substâncias, seguindo-se 25% que declaram ter-se tratado de "consumos simplesmente experimentais não tendo sido necessário prolonga-lo", 7% correspondentes a razões de circunstância («não se proporcionou»), 6% baseadas numa avaliação negativa do efeito («não gostou/desilusão») e 4% na ausência de interesse pelo consumo. As razões de saúde dominam nos casos da heroína (53,1%) e do LSD (50,3%).

C. CIRCUNSTÂNCIAS E CONTEXTOS DE CONSUMO

18. Os primeiros consumos ocorreram, essencialmente, quando os indivíduos eram jovens: 14% iniciaram o consumo antes dos 15 anos; 58% quando tinham entre 15 e 19 anos, e 20% com idades entre 20 e 24 anos. Só 8% se iniciaram ao consumo após os 25 anos de idade. A idade média no momento do primeiro consumo é de 18 anos no caso da cannabis, 19 no caso das anfetaminas, 21 no caso do LSD e 20 no caso das outras substâncias.

19. No que concerne à fonte da primeira obtenção da substância psicoactiva consumida, observa-se que a maior parte dos indivíduos refere os amigos e conhecidos. Verificamos ainda que os colegas de escola assumem algum destaque no caso dos consumidores de cannabis, e que o parceiro desempenha um papel com alguma relevância no caso dos consumidores de heroína e de cocaína.

20. No que concerne às pessoas a quem os consumidores recorreram para obter o produto utilizado no último consumo, verificamos que os amigos continuam a ocupar um lugar de destaque, embora mais discretamente do que no primeiro consumo, e que a importância dos conhecidos tende a subir. Por fim, o vendedor tende a ter mais importância para os consumidores de heroína e cocaína.

21. A casa de pessoas com quem os inquiridos convivem é bastante referida como local de consumo de substâncias psicoactivas ilícitas, seguindo-se bares e discotecas, ruas/praças/jardins, a casa dos próprios e a escola.

22. As situações de consumo mais frequentemente citadas são as férias e os fins-de-semana fora de casa. Para além destas, registam-se ainda situações em que o consumidor se encontra sozinho, desocupado, falta ou não tem aulas, está a trabalhar ou se encontra em deslocações de trabalho.

23. Quanto às ocasiões de consumo, os consumidores assinalam a noite da passagem de ano, seguindo-se as festas públicas e as festas techno/raves. Por outro lado, as festas transe, as despedidas de solteiro, as festas escolares, as festas familiares, a celebração do final do ano lectivo, a saída e a entrada no serviço militar são ocasiões também consideradas propícias ao consumo de substâncias ilícitas de uma maneira geral.

24. As razões apontadas para o consumo de substâncias psicoactivas ilícitas concentram-se, na sua maioria, na valorização do efeito obtido («sentir-se *high*»), seguindo-se a curiosidade de experimentar, a necessidade de relaxar, a influência do grupo de amigos e a necessidade de se tornar sociável. Por outro lado, registam-se ainda a necessidade de atingir dimensões espirituais, de obter energia física para actividades de lazer, de esquecer os problemas, de reduzir inibições ou timidez, de melhorar contactos físicos ou sexuais e de melhorar o raciocínio.

Lisboa, 24 de Maio de 2004

A Equipa de Investigação